

Utopias artísticas e feministas: uma cidade para as mulheres a partir da arte urbana em Belo Horizonte

Carolina Maria Soares Lima e
Daniel Medeiros de Freitas

Carolina Maria SOARES LIMA é Mestre em Geografia; Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo no NPGAU – UFMG; carolmsoares98@gmail.com

Daniel Medeiros de FREITAS é Doutor em Arquitetura e Urbanismo; Professor da Escola de Arquitetura da UFMG; daniel-freitas@ufmg.br

Resumo

O artigo discute o papel das utopias artísticas e feministas, considerando as condições históricas e contemporâneas de sua produção, especialmente no Sul Global, sob a perspectiva do feminismo decolonial. Argumentamos que a utopia é essencialmente estética e pode desencadear mudanças na reprodução do cotidiano. A partir de uma análise das obras de arte urbana, propõe-se uma visão crítica do espaço que articule questões relacionadas à moradia, direito à cidade e desigualdades, e que, compreendendo que o espaço é produzido socialmente, examine as relações de poder e as formas de exploração. Apoiado na necessidade de desconstruir a ideologia espacial que fortalece certos grupos e classe, argumentamos que a colonialidade do poder é vista como uma evolução das formas de dominação que persiste na contemporaneidade, com destaque para a categoria socioespacial de América. Neste contexto de articulação entre a teoria urbana crítica e o feminismo decolonial, estudamos a arte do lugar amefricano em Belo Horizonte para acessar, imaginar e desvelar utopias feministas na cidade.

Palavras-chave: cidade não sexista; utopia; América; arte urbana.

Abstract

The article discusses the role of artistic and feminist utopias, considering the historical and contemporary conditions of their production, especially in the Global South, from the perspective of decolonial feminism. We argue that utopia is essentially aesthetic and can trigger changes in the reproduction of everyday life. Based on an analysis of works of urban art, we propose a critical view of space that articulates issues related to housing, the right to the city and inequalities, and that, understanding that space is socially produced, examines power relations and forms of exploitation. Supported by the need to deconstruct the spatial ideology that strengthens certain groups and classes, we argue that the coloniality of power is seen as an evolution of the ways of domination that persists in contemporary times, with emphasis on the socio-spatial category of América. In this context of articulation between critical urban theory and decolonial feminism, we study the art of the amefrican place in Belo Horizonte to access, imagine and unveil feminist utopias in the city.

Keywords: non-sexist city; Utopia; Amefrica; urban art.

Resumen

El artículo discute el papel de las utopías artísticas y feministas, considerando las condiciones históricas y contemporáneas de su producción, especialmente en el Sur Global, desde la perspectiva

del feminismo decolonial. Sostenemos que la utopía es esencialmente estética y puede desencadenar cambios en la reproducción de la vida cotidiana. A partir de un análisis de obras de arte urbano, proponemos una mirada crítica del espacio que articula cuestiones relacionadas con la vivienda, el derecho a la ciudad y las desigualdades, y que, entendiendo que el espacio se produce socialmente, examina las relaciones de poder y las formas de explotación. Apoyados en la necesidad de deconstruir la ideología espacial que fortalece a ciertos grupos y clases, sostenemos que la colonialidad del poder es vista como una evolución de las formas de dominación que persiste en la época contemporánea, con énfasis en la categoría socioespacial de América. En este contexto de articulación entre teoría urbana, crítica y feminismo decolonial, estudiamos el arte del lugar amefricano en Belo Horizonte para acceder, imaginar y develar utopías feministas en la ciudad.

Palabras-clave: ciudad no sexista; Utopía; América; arte urbano.

Introdução

A arte, vista a partir de sua dimensão utópica, permite imaginar outros espaços possíveis, sendo a vanguarda estética um primeiro passo possível para revoluções maiores no cotidiano e nas diferentes compreensões sobre a produção do espaço. Por outro lado, imaginar uma cidade não sexista ou uma cidade para as mulheres exige um esforço imaginativo e utópico significativo, considerando especialmente as bases materiais e simbólicas que moldam nosso espaço atual. Em nosso contexto, a mais profunda dessas bases é o colonialismo, sendo importante, conforme defende Lélia González (2020), partirmos do conceito de “América” para entender que a América, tanto como continente quanto como ideia, é fruto de relações de trabalho e poder ancoradas na exploração dos corpos não europeus. Essas relações, complexas e centradas na noção de raça, continuam a marginalizar culturas e corpos até hoje, como observa Quijano (2005). Este processo histórico produziu e produz várias identidades, mas apenas uma, materializada no arquétipo do homem branco, detém o poder em suas diferentes formas e, assim, orienta as narrativas hegemônicas sobre a história urbana, aqui tidas como o “lado A” desta história.

As duas perspectivas acima - a dimensão utópica da arte e a consciência da América - se encontram no argumento de Quijano (2014) quando ele destaca que toda utopia é essencialmente estética, precedendo a subversão do poder e a América Latina, ou, América, segundo ele, seria o lugar mais propício para utopias alternativas de poder.

Dizer que há uma ideologia espacial que empodera e fortalece certos grupos é reafirmar, dentro da teoria

urbana, o que autores como Aníbal Quijano e Lélia González nos convidam a pensar há tempos. A ideia de raça foi justificativa fundamental para a dominação colonial e a hegemonia eurocêntrica que se deu no continente americano desde o início do empreendimento colonial. A codificação dos corpos a partir da diferença entre os colonizadores e conquistados, numa fundamentação inicialmente fenotípica, possibilitou o início das formas históricas de controle do trabalho, recursos e produtos que vemos até a contemporaneidade.

Surge, portanto, uma nova divisão do trabalho, inaugurada em simultâneo à inauguração do continente americano (GONZÁLEZ, 2020). Há uma evolução das formas de dominação associada à raça que controla um grupo em escala global que poderia ser identificada como "colonialidade do poder" (QUIJANO, 2005) e que vigora ainda hoje, mais de meio milênio depois, tamanho o sucesso da empreitada mais nefasta e cruel da branquitude ocidental. Outra forma de olhar para a colonialidade é a partir da categoria socioespacial construída por Lélia González de *América* (2020). O termo nos permite revelar dinâmicas do cotidiano e do espaço desde "dentro" as conexões entre as experiências de resistências dos povos originários e da diáspora, e entre os saberes ancestrais de mulheres e homens, dando visibilidade às histórias secularmente apagadas por processos violentos apoiados na colonialidade.

Uma forma de trabalhar com esta categoria a partir de uma proposta de teoria urbana crítica é estabelecer um relacionamento entre a teoria urbana crítica e o feminismo decolonial. No caso deste trabalho, faremos isto pela lente oferecida por Françoise Vergés (2021) que nos fornece perspectivas feministas para pensar o feminismo como uma luta pelo direito de existir e como um imaginário utópico. Para tal, propomos trabalhar a partir de um objeto de pesquisa delineado a partir de pesquisa em andamento, no doutoramento em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, nomeado como arte do lugar amefricano, que se define como sendo uma manifestação artístico-cultural situada em espaço urbano como forma de insubordinação, cujo conteúdo, ou motivo, se relaciona ao lugar e ao urbano em *América*. Tais manifestações, conforme verificado a partir de entrevistas guiadas, podem disparar narrativas dissensuais acerca da realidade vivida, as quais buscaremos articular por meio de uma abordagem orientada pela leitura do lugar que, veremos, incorpora métodos e abordagens do campo da fenomenologia.

Considerando que, o objeto aqui desenvolvido chamado de arte do lugar amefricano demonstra ser um conjunto de representações que abarcam resíduos, retratos e utopias dos lugares, trataremos das utopias, imaginando as cidades das mulheres a partir de experiências observadas no Museu de Quilombos e Favelas Urbanos no Morro do Papagaio em Belo Horizonte (MUQUIFU). Escolhemos o MUQUIFU para apresentar as análises pretendidas, pois, a partir da obra Igreja das Santas Pretas, presentes no equipamento cultural, conseguimos verificar narrativas, coletadas a partir de entrevistas guiadas, que contam o “lado B” da história urbana. Chamamos aqui de “lado B” da história urbana uma história contada pelas mulheres pretas e periféricas, o grupo subalternizado em detrimento dos homens brancos, comumente detentores da narrativa hegemônica. Ainda que o MUQUIFU trate, como veremos, da realidade de mulheres pretas e periféricas moradoras do Morro do Papagaio, em Belo Horizonte, outros autores já notaram a expressiva relação que as obras presentes no museu estabelece com a vida nas periferias do Sul Global (COAN et. al. 2022; LIMA et. al. 2023)

Metodologia

Ainda que o presente trabalho não seja exclusivamente fenomenológico, ao adotarmos o lugar como categoria de análise espacial, devemos levar em conta a atitude fenomenológica como postura analítica principal da pesquisa. Partimos do objeto central da fenomenologia de Edmund Husserl para descrever e analisar a experiência consciente e subjetiva para entender como a mente humana percebe e interpreta objetos e eventos. Neste contexto, a fenomenologia é um método relevante por seu foco na subjetividade e percepção. Especificamente, a fenomenologia de Merleau-Ponty (1962), que destaca a corporeidade e o corpo-próprio, pois enfatiza a importância do corpo na percepção e constituição do conhecimento.

Para compreender as obras que buscamos analisar, foi necessário realizar uma fenomenologia das representações, considerando-as expressões socioespaciais que revelam dinâmicas urbanas. Esta abordagem considera a percepção, intencionalidade e consciência, buscando compreender as narrativas dissensuais dos agentes envolvidos. Isso será feito através das narrativas provocadas pelas obras em análise, coletadas a partir de entrevistas. A premissa é a de que cada agente percebe o espaço e as obras de maneira única, influenciado por suas experiências prévias.

Segundo Merleau-Ponty (1962), a fenomenologia estuda essências, percepção e consciência, utilizando um método específico. A percepção é um campo composto por coisas e os vazios entre elas, preenchidos pelos conhecimentos de cada agente (Lefebvre, 1983; Merleau-Ponty, 1962). Alguns aspectos fundamentais da percepção, conforme Merleau-Ponty, incluem: 1) ela é subjetiva e individual; 2) é afetada pelo tempo histórico e pela linguagem, incluindo gestos e outras formas de representação; 3) depende do corpo e da capacidade de sentir, pois o corpo dá sentido aos objetos naturais e culturais.

A fenomenologia, ao focar na experiência consciente e subjetiva, proporciona uma perspectiva única para compreender não apenas as obras de arte urbanas, mas também o espaço que as abriga. A pesquisa busca iluminar elementos estéticos e expressivos do objeto de estudo, bem como desvendar a relação entre arte e percepção do ambiente urbano. Dessa forma, os procedimentos metodológicos propostos visam uma compreensão holística da relação entre fenomenologia, arte e espaço urbano, destacando a riqueza de significados que emergem da experiência coletiva em um ambiente urbano impregnado de expressão artística.

Para realizar a análise, o primeiro passo é compreender a obra como sendo uma obra de arte do lugar americano, verificando seus atributos culturais e simbólicos. Esse processo envolve observar características intrínsecas e o contexto sociocultural para validar sua relevância no discurso crítico e suas contribuições para a reflexão sobre dinâmicas urbanas. Em seguida, avalia-se o contexto urbano da obra, sua localização, a produção, incluindo artistas e técnicas, e a apropriação do espaço. A análise abrange o espaço vivido, concebido e percebido (LEFEBVRE, 1974), destacando a gênese e as origens dos artistas, fontes de incentivo, e técnicas utilizadas. No terceiro momento, antes da análise da percepção dos agentes, o pesquisador explora sua percepção sobre a obra, identificando narrativas relacionadas ao espaço urbano e à realidade vivida. A análise com aproximações semiológicas considera formas, cores, texturas e interações do público com as obras, destacando suas relações com o Estado-Mercado e as diferentes formas de legitimação e marginalização. Esse procedimento abre portas para análises críticas futuras e a compreensão das dinâmicas de exclusão e apoio às manifestações artísticas no espaço urbano.

Finalmente, deve-se analisar a percepção dos agentes de interesse. A coleta de dados pode ser feita por meio de entrevistas guiadas (KAPP, 2020), grupos focais, observações (participativas ou não) e formulários, por exemplo. A metodologia pode variar conforme a disponibilidade dos pesquisadores e agentes, mas é essencial mapear e selecionar agentes que interagem com a obra, como artistas, espectadores, financiadores e aqueles que comentam publicamente sobre a obra. Após a coleta, é necessário transcrever os dados, identificando unidades de significado e categorizando-as para facilitar a análise fenomenológica. Isso envolve suspender interpretações prévias e focar na descrição direta das experiências. A análise deve contextualizar as percepções no ambiente urbano e explorar as relações entre as obras, os agentes e a cidade. Assim, a análise fenomenológica e a leitura do lugar requerem uma abordagem sistemática, contribuindo para uma análise mais ampla das políticas e dinâmicas urbanas a partir das percepções coletadas.

A Territorialidade Silenciada das Mulheres Pretas e Periféricas

No contexto da presente pesquisa, especificamente, trataremos de mulheres pretas e periféricas, atravessadas por três marcadores sociais de diferença: gênero, classe e raça. Além de tais marcadores, que geram opressões cruzadas e convergências na produção de desigualdades (BIROLI & MIGUEL, 2015) tais mulheres experimentam e vivem o espaço constituído a partir de processos coloniais. Sobretudo quando se considera as condições e bases materiais e simbólicas sob as quais o espaço foi e é produzido até a contemporaneidade, em especial no recorte específico que, conforme já explicado, adota a elaboração de Lélia González (2020), *América*.

Recapitulando, a América se funda e se estrutura a partir de relações, sociais e de trabalho, complexas, pautadas, essencialmente, na noção de raça. Até a atualidade, a raça é utilizada como um instrumento de marginalização da cultura, de corpos e de modos de vida, que, desde o empreendimento colonial, categoriza os colonizadores e os colonizados de tal forma que as relações sociais devem ser compreendidas como relações fundadas na raça, incluindo as relações da divisão social e racial do trabalho (QUIJANO, 2005). Sendo assim, inicia-se o processo da produção de diversas identidades históricas, das quais apenas uma concentra a sede do poder hegemônico econômico, científico e cultural.

O estudo realizado contribui para a visibilidade das experiências não hegemônicas dessas mulheres, ressaltando a importância de suas vozes na construção de narrativas urbanas mais equitativas, rompendo com o processo histórico de violência epistêmica (GOMES, 2005). Reconhecer e valorizar a territorialidade das mulheres pretas e periféricas é um passo crucial para a transformação social e a promoção da justiça urbana.

Feminismo decolonial, corpo e chão: uma classe cuidadora

Assim como Quijano destaca a fundamentação da divisão racial do trabalho na América, Vergés observa um atravessamento de gênero presente nestas relações. A autora argumenta haver uma mão-de-obra racializada majoritariamente feminina, que realiza um trabalho sub qualificado, mal remunerado e diuturno indispensável ao funcionamento de qualquer sociedade: os serviços de limpeza e de cuidado. Este trabalho, segundo Vergés (2021), é e deve permanecer invisível. Como observamos já em outros autores, a rodada neoliberal do capitalismo produz, inevitavelmente, trabalhos invisíveis e vidas descartáveis.

Para Vergés (2021), esta condição da mulher racializada no Sul global é única e produto do empreendimento colonial e sua reverberação na contemporaneidade na forma da colonialidade e do devir neoliberal dos sujeitos. A forma quase invisível do trabalho destas mulheres que cuidam dos outros sujeitos da cidade e limpam as cidades, promove, também, o ocultamento das outras agências por elas promovidas, de seus desejos, lutas, dores, saberes e quaisquer outras práticas. Estas mulheres somem da paisagem urbana, escondidas nos ônibus das madrugadas, nos quartos de empregada, nas roupas brancas de babá, nas igrejas ou suplicando para que seus filhos voltem para casa. Até pouco tempo, era difícil saber, pois a violência era tamanha que estas mulheres eram, e ainda são, sistematicamente silenciadas.

Conforme apontado previamente, pensar a partir de *América* significa pensar desde “dentro” das conexões entre as experiências de resistências dos povos originários e da diáspora, e entre os saberes ancestrais de mulheres, dando visibilidade às histórias secularmente apagadas por estes processos aqui já descritos, também conhecidos por violência epistêmica. É necessário fazer isso, então, a partir de uma postura feminista, que deve ser assumida até mesmo durante a prática de pesquisa, escrita e divulgação acadêmica.

Segundo Vergés (2021), esta é uma luta pela justiça epistêmica, isto é, uma justiça que reivindica a igualdade entre os saberes e contesta a ordem do saber imposto pelo Ocidente.

Podemos afirmar que o feminismo decolonial faz-se fundamental para tecermos uma teoria urbana de fato crítica que busca realizar um olhar para as cidades do Sul global considerando os saberes próprios e reivindicando a igualdade entre os diferentes grupos de agentes que atuam na (re)produção do espaço. Não é mais possível avançar numa teoria urbana que ignore tais dimensões da crítica ao processo de (re)produção do espaço e, aqui, olhamos para elas, com um foco sistêmico aos saberes e modos de vida de corpos das classes cuidadoras da cidade, as mulheres pretas periféricas.

Esta classe cuidadora, segundo Graeber (2018), é a classe cujo trabalho social consiste em cuidar de outros seres humanos, animais e plantas. A esta classe é imposta uma série de dificuldades de organização herdadas da imposição do tempo dos patrões, da manutenção da senzala e da periferização e isolamento da vida, como veremos. Contudo, apesar destas dificuldades, as trabalhadoras domésticas conseguem superar o isolamento e a solidão para encontrar formas de organização coletiva e subverter a invisibilidade de sua própria exploração. Uma das experiências de luta por visibilidade e reconhecimento se deu e se ilustra precisamente no caso do MUQUIFU.

Lugares em *América*: quando a vida só é possível nesse chão

Na busca de tecer uma teoria urbana crítica, a categoria socioespacial de lugar se apresenta como lente analítica fundamental. Conforme apresentado até aqui, a produção do espaço urbano é fundada em um sistema de exclusão, herdado do empreendimento colonial, e apoiado nos aspectos contemporâneos da colonialidade, que se valem de marcadores sociais de diferença para impor uma divisão social do trabalho. Essa materialidade, concretizada sobre a terra no espaço concebido, produz, em cada cidade, várias cidades, um espaço dividido, não apenas na dimensão econômica, mas também a partir da vivência e da percepção dos corpos. São pelo menos duas cidades que se sobrepõem: a cidade produzida e narrada por um grupo hegemônico, que guarda o "lado A", ainda que minoritário em termos quantitativos e que usufrui dos privilégios da segregação; e a cidade produzida pelos grupos marginalizados e subalternizados pela se-

gregação, fundada, entre outros fatores, na noção de raça e de gênero, que narraria o “lado B” da história urbana.

Segundo Massey (2008), o lugar, enquanto categoria de análise do espaço, é composto por um conjunto, ou uma constelação, de narrativas dissensuais. Essas narrativas formam um “tecer de histórias em processo”, um momento dentro das geometrias de poder, uma constelação particular dentro de espaços mais amplos e uma tarefa inacabada. O lugar se conforma a partir da troca de favores, quando uma vizinha vigia a criança enquanto a mãe vai a uma entrevista de emprego, quando a tia chama a sobrinha para uma caminhada de luta no bairro ou quando as meninas voltam juntas da escola, por exemplo. É quando o cotidiano, espacializado, não poderia ser reproduzido noutro espaço e só naquele lugar. Dessa forma, as narrativas coletadas a partir dos diferentes momentos de apropriação do espaço configuram uma constelação única que contribui para a compreensão do lugar. Buscar compreender o lugar, portanto, é procurar o que se conta no “lado B” ou no avesso da análise espacial, é garimpar quais são as narrativas que colaboram para uma análise e teoria urbanas feitas a contrapelo. Através desse conjunto de narrativas, é possível compreender os mais diferentes processos constituintes da reprodução da vida cotidiana: dentre as várias cidades coexistentes e (in)justapostas, onde a conformação de lugares faz-se possível, há, por vezes, modos de vida contra-hegemônicos.

Há diversas formas de acessar as narrativas que constituem o lugar, mas, no contexto da pesquisa, busca-se acessar tais narrativas por meio da arte do lugar amefricano. Por meio deste objeto, seja pelas narrativas que ele próprio carrega, ou pelas narrativas que ele dispara, ou pelas que o antecedem, é possível mapear uma constelação de narrativas que conformam o lugar. Tais obras carregam um potencial dissensual e a capacidade de representar o espaço a partir de outros pontos de vistas, de sujeitos à margem e subalternizados pela colonialidade. As produções de arte do lugar amefricano que remontam o cotidiano de mulheres pretas e periféricas, comumente membros da classe cuidadora, na *América*, são produções que remontam a reprodução das próprias cidades e das memórias que resistem nas brechas do urbano ordenado por homens brancos e sustentado pelo trabalho de mulheres pretas. É por meio de perspectivas de reorientação da análise das narrativas produzidas a partir do cotidiano dessas mulheres que poderemos pensar em reescrever a história, por uma nova perspectiva crítica sobre

a sociabilidade de mulheres pretas e periféricas no espaço urbano, a partir de corpos-documentos.

A Conversão da Territorialidade da Mulher Preta e Periférica em Narrativas Utópicas do Plano Estético Urbano

A experiência no espaço das mulheres pretas e periféricas é marcada por múltiplas camadas de opressão e resistência, tendo em conta as diferentes dimensões de enfrentamento impostas pela consubstancialidade que marca seus corpos. Este estudo visa explorar como essas experiências são transformadas em experiências estéticas que, por sua vez, disparam narrativas utópicas. Tais experiências estéticas retratam a vivência destas mulheres e possibilitam, a partir destas narrativas, propor outras formas de cidade e outros modos de vida. Essas narrativas, coletadas por meio de entrevistas guiadas, são visões idealizadas do espaço urbano que propõem uma reimaginação do ambiente em que essas mulheres vivem. Tais narrativas são frequentemente articuladas a partir de expressões artísticas, culturais e ativistas que desafiam a realidade presente e sugerem possibilidades alternativas de existência e convivência.

A análise da conversão da experiência cotidiana da mulher preta e periférica em narrativas utópicas no plano estético urbano oferece análises valiosas sobre a resistência e a resiliência desses grupos. As narrativas utópicas não são meramente escapistas; elas são ferramentas poderosas para imaginar e construir novas realidades. Este estudo contribui, portanto, para outra visão acerca das dinâmicas de poder no espaço urbano e destaca a importância das vozes e das experiências das mulheres pretas e periféricas na compreensão de outra história urbana.

Arte do lugar amefricano: da definição à utopia

As obras de arte do lugar amefricano, conceito desenvolvido no contexto da presente pesquisa, são aquelas manifestações artístico-culturais situadas nas periferias urbanas como forma de insubordinação, cujo conteúdo se relaciona ao lugar e ao urbano em América. Estas manifestações disparam narrativas dissensuais que permitem que o cotidiano seja acessado e apreendido, ou seja, discorrem sobre a realidade vivida. Para acessar tais narrativas faz-se fundamental valer-mo-nos de conceitos que apoiam o pensamento fenomenológico e decolonial aqui apresentados. Estas

narrativas podem ser de três diferentes tipos: resíduos, retratos e utopias, conforme observamos nas experiências trabalhadas. As obras de arte do lugar amefricano, disparam narrativas, portanto, sobre o lugar, ou, por vezes, guardam, nelas mesmas, em seus motivos, tais narrativas. Estas narrativas, no que lhes concerne, podem ser de três diferentes tipos. Observamos nas amostras trabalhadas, principalmente com o caso que aqui será mostrado para o MUQUIFU, à frente, a existência de obras de arte do lugar amefricano que abarcam resíduos, outras que se apresentam como retrato e, ainda, aquelas que se colocam como utopia.

As obras de arte do lugar amefricano que se apresentam como resíduo são aquelas que, assim como descrito por Angelo Serpa (2007), restam do passado. Nesse caso, são representações que restam do passado como memória de resistência e luta, guardando, nas obras de arte, uma espécie de arquivo, para um grupo social que, por vezes, vale-se da oralidade, do corpo como arquivo, como proposto por Beatriz Nascimento, e de outras formas próprias de produção de conhecimento.

As obras de arte do lugar amefricano em sua dimensão enquanto retrato são aquelas que mais se aproximam da realidade vivida no tempo presente, do cotidiano: são registros do agora. Estas apoiam e sustentam diálogos e articulações do curto prazo, além de fundamentarem as metodologias de leitura do lugar, nas quais buscamos compreender a cidade a contrapelo, entendendo o "lado B" da vida urbana, em contraponto à tradicionalíssima análise urbana.

Finalmente, aquelas que se apresentam como utopias são as que mais aqui nos interessam, pois são elas que guardam os sonhos e as maiores possibilidades para imaginar outras cidades ou outros modos de vida. A experiência estética, como sabemos, permite tensionar o imaginário social e coletivo. As utopias são ideias que subvertem a ordem e projetam alternativas de libertação da colonialidade à medida que projetam os sonhos e esperanças dos dominados (QUIJANO, 2014).

Empregamos a ideia de utopias artísticas no contexto das obras de arte do lugar amefricano para designar representações artísticas de (re)produção do espaço e imaginações do (im)possível. Isto engloba a resistência popular e as lutas por espaços comuns e pelo direito à cidade; estratégias de sobrevivência diante da precariedade; e insurgências utópicas e rebeldes dos

pobres urbanos. Essas representações evocam narrativas daqueles que são silenciados em processos de violência epistêmica em toda a América como continente (CASTRO-GOMEZ, 2005). Entre as narrativas e utopias já encontradas, podemos perceber a liderança compartilhada das comunidades, lideradas por mulheres, ao lado da visibilidade dada à ética do cuidado, à necessidade de espaços comuns nas favelas e às redes de apoio construídas entre as pessoas. As narrativas dão visibilidade a novos sujeitos políticos que se engajam em uma luta coletiva contra a desigualdade em busca de uma experiência comum de cidade, como aponta Velloso (2020).

MUQUIFU: utopia da cidade para as mulheres pretas e periféricas

No Morro do Papagaio, bem na entrada da comunidade, na fronteira com o Santo Antônio, bairro de classe média localizado na zona sul de Belo Horizonte, existe o MUQUIFU¹. Ainda que seja apresentado e categorizado como um museu, de acordo com um dos membros do setor educativo, o MUQUIFU é, na verdade, “uma cozinha (Figura 01), que tem uma igreja, que tem um museu [sic]”. Isso porque logo na entrada no MUQUIFU, o espectador se depara com uma cozinha que é o espaço de maior socialização da edificação, onde, depois das missas realizadas na igreja, diversos membros da comunidade se reúnem, fazendo o uso comunitário do espaço. Antes mesmo da existência

¹ O acervo do MUQUIFU não é digitalizado, sendo esta, inclusive, uma das demandas apontadas pelo grupo em entrevistas. De tal modo, algumas das imagens aqui citadas podem ser encontradas na página do museu na rede Instagram <https://www.instagram.com/muquifu/> ou no catálogo Igreja das Santas Pretas do BDMG Cultural <https://bdmgcultural.mg.gov.br/sponsorship/catalogo-da-igreja-das-santas-pretas/>.



Figura 1
Fotografia da cozinha e parte das pinturas
Fonte: Acervo pessoal, 2024 (publicação autorizada pelo autor)

reconhecida da igreja, o espaço do barracão e da cozinha já existiam e era um espaço de sociabilidade e usos múltiplos pela comunidade.

Ao entrar, somos surpreendidos com os murais que ocupam as paredes da capela: diferentemente da arte sacra tradicional, pois os afrescos são extremamente coloridos, trazendo corpos negros como protagonistas da narrativa e, de acordo com um dos artistas que realizou a pintura da obra, retrata a história de Jesus como se ele tivesse nascido atualmente, especificamente no Morro do Papagaio. No centro, vê-se o altar de Dona Marta (Figura 02), rainha conga de Santa Efigênia, uma rainha sem reino, que, em seus percursos no cotidiano, acordava cedo junto de muitas outras para abrir as portas da cidade, ou ainda, passava as noites nas senzalas modernas em quartos de empregada. Ao redor do altar, 13 outras mulheres pretas e seus cotidianos (Figura 03)(Figura 04)(Figura



Figura 2
Fotografia do altar e parte da pintura
Fonte: Acervo pessoal, 2024 (publicação autorizada pelo autor)



Figura 3
Fotografia da lateral direita do altar e parte da pintura
Fonte: Acervo pessoal, 2024 (publicação autorizada pelo autor)



Figura 4
Fotografia da lateral esquerda do altar e parte da pintura
Fonte: Acervo pessoal, 2024 (publicação autorizada pelo autor)



Figura 5
Fotografia da lateral direita do altar e parte da pintura, com foco no canto superior direito. Fonte: Acervo pessoal, 2024 (publicação autorizada pelo autor)

05), sendo o simulacro de muitos outros pelo urbano na *América*, são representadas, em representações do espaço. Mulheres que lutaram por um espaço para chamar de "lugar", onde pudessem se articular, socializar e preservar suas memórias. A partir da articulação destas mulheres, foi criado o MUQUIFU, que abarca possibilidades de sociabilidade, rede de proteção e articulação de lutas, e a pintura da Igreja das Santas Pretas, que transpõe a oralidade para o campo visual, e propõe a salvaguarda de um modo de vida de mulheres na periferia como patrimônio.

Conforme discutido na primeira parte do trabalho, a experiência estética permite tensionar o imaginário social e coletivo. As utopias são ideias que subvertem a ordem e projetam alternativas de libertação da colonialidade à medida que projetam os sonhos e es-

peranças dos dominados (QUIJANO, 2014). Empregamos, para além da arte do lugar amefricano, dentre o que encontramos aqui, o conceito de utopias artísticas e estéticas da cidade comum para designar representações artísticas de (re)produção do espaço e imaginações do (im)possível. Isto engloba a resistência popular e as lutas por espaços comuns e pelo direito à cidade em resposta ao sistema de segregação; estratégias de sobrevivência face à precariedade dos estilos de vida; e insurgências utópicas e rebeldes dos pobres urbanos.

A experiência rica e multifacetada descrita no Morro do Papagaio oferece elementos valiosos para a construção de uma utopia ou imaginação sobre uma cidade das mulheres, ou uma cidade não sexista. A ênfase na cozinha como espaço central de socialização destaca a importância da colaboração e da comunidade, enquanto os murais na capela desafiam as convenções da arte sacra, trazendo corpos negros como protagonistas e reinterpretando a história de Jesus de maneira contextualizada. A representação das mulheres pretas, liderando a articulação do MUQUIFU, não apenas desafia estereótipos, mas também demonstra resistência, construção de redes de proteção e a preservação das memórias.

A pintura da Igreja das Santas Pretas, transpondo a oralidade para o campo visual, não só preserva um modo de vida como patrimônio, mas também desafia narrativas hegemônicas. As questões emergentes sobre a representação do Morro do Papagaio nas obras de arte e a busca por marcas de redes de proteção evidenciam a necessidade de reconhecimento e concepção de estruturas muitas vezes invisíveis, fundamentais para uma cidade mais justa. O conceito de utopias artísticas e estéticas da cidade comum destaca a importância da arte na subversão da ordem e na projeção de alternativas, promovendo resistência, lutas por espaços comuns e o direito à cidade. Em última análise, esta experiência museal decolonial inspira a reflexão sobre perspectivas alternativas do urbano, oferecendo uma visão inspiradora para a construção de uma cidade mais inclusiva, justa e igualitária.

Considerações finais

Diante da reflexão sobre a produção e reprodução do espaço urbano, permeada por questões de gênero, raça e poder, percebemos a necessidade premente de desvelar as ideologias espaciais que perpetuam desigualdades e exclusões. O exercício utópico de imaginar uma cidade não sexista ou das mulheres, embora

desafiador e situado em um contexto complexo, revela-se como um caminho essencial para a transformação do cotidiano e das estruturas sociais, além das práticas no contexto dos estudos urbanos. Compreendemos que a produção do espaço está intrinsecamente ligada às relações sociais, ao trabalho e às hierarquias de poder. A noção de colonialidade do poder e a proposição de *América* como categoria de análise destacam a importância de considerar as interseções entre raça, gênero e espaço, desafiando as narrativas historicamente construídas. A busca por uma teoria urbana crítica exige a desconstrução das ideologias espaciais dominantes, possibilitando a emergência de perspectivas alternativas.

Ao integrarmos a perspectiva do feminismo decolonial à teoria urbana crítica, revela-se um terreno fértil para repensar a cidade sob a ótica das mulheres. A luta pelo direito de existir e as imaginações utópicas se entrelaçam, apontando para um horizonte onde as cidades podem ser concebidas de maneira mais inclusiva, justa e equitativa. Assim, a análise das utopias artísticas e estéticas das cidades das mulheres, ancorada nas experiências do lugar urbano em *América*, transcende a mera especulação. A arte do lugar amefricano, exemplificada nas obras encontradas no Museu de Quilombos e Favelas Urbanos, se apresenta como uma expressão artística e cultural capaz de subverter discursos hegemônicos e narrar outras histórias do espaço urbano, especialmente no contexto de *América*. Essa abordagem, ao iluminar as desigualdades e desafiar as normas preestabelecidas, oferece um caminho promissor para a construção de cidades que reflitam as diversas vozes e experiências que compõem a riqueza do tecido social. Em última instância, a concepção de uma cidade não sexista emerge como um convite para a transformação radical e a construção coletiva de espaços urbanos mais justos e inclusivos.

O reconhecimento da invisibilidade do trabalho feminino racializado e a imbricação dessa condição na herança colonial e na contemporaneidade neoliberal evidenciam a necessidade de dar voz e visibilidade às agências, desejos e lutas dessas mulheres, que historicamente foram silenciadas e esquecidas. A adoção da categoria de *América* lança luz sobre as resistências dos povos originários e da diáspora, um olhar crucial para desvendar histórias apagadas pela violência epistêmica. Este enfoque não apenas questiona as dimensões tradicionalmente negligenciadas da (re)produção do espaço, mas também propõe uma abordagem sistêmica que destaca os saberes e modos de vida das classes cuidadoras da cidade. O exemplo do MUQUIFU ilustra

como a luta por visibilidade e reconhecimento pode transcender as barreiras, evidenciando a resiliência e a capacidade de resistência dessa classe. A classe cuidadora, confrontada com obstáculos derivados da imposição do tempo dos patrões, da manutenção da senzala e do isolamento, desafia essas dificuldades, encontrando formas de organização coletiva e resistindo à invisibilidade de sua exploração.

A categoria socioespacial de lugar é uma lente analítica fundamental para reconhecer a presença de uma reprodução calcada nos pilares da colonialidade. O acesso às narrativas trabalhadas, carregadas de potencial dissensual, representam o espaço por meio de perspectivas marginais, subalternizadas pela colonialidade. Especialmente ao abordar o cotidiano de mulheres pretas na *América*, essas produções de arte do lugar amefricano contribuem para a (re)escrita da história, oferecendo uma nova perspectiva crítica sobre a sociabilidade negra no espaço urbano através dos corpos dessas mulheres. Assim, a análise das narrativas do lugar, mediada pela arte urbana, destaca-se como uma ferramenta essencial para repensar e reorientar as visões sobre o espaço urbano e suas complexas interações sociais.

Em resumo, a arte do lugar amefricano, como objeto de estudo, permite uma teoria urbana crítica que avança na compreensão da cidade a contrapelo. Estas manifestações artísticas, ao disparar narrativas dissensuais, exploram o cotidiano, categorizadas em três tipos: resíduos, retratos e utopias. O termo “utopias artísticas” abrange representações de (re)produção do espaço e imaginações do (im)possível, destacando resistências populares, lutas por espaços comuns e direito à cidade, estratégias de sobrevivência e insurgências utópicas dos pobres urbanos. Dessas narrativas e utopias encontradas no MUQUIFU, emerge a liderança compartilhada por comunidades, lideradas por mulheres, juntamente com ênfase na ética do cuidado, necessidade de espaços comuns nas favelas e redes de apoio entre as pessoas. Essas representações evocam a visibilidade de sujeitos políticos engajados na luta coletiva contra a desigualdade em busca de uma experiência comum de cidade.

Notas

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.



Referências

BIROLI, F; MIGUEL, L. F. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 2015, 20.2: 27-55.

BRENNER, N. What is critical urban theory?. *City*, 2009, 13.2-3: 198-207.

COAN, S, et al. A performance da memória e as trabalhadoras domésticas: um estudo entre Antropologia e Ciência da Informação na exposição de longa duração do museu Muquifu. 2022.

GOMES, C.; SOCIAIS, S. Ciências. Violência epistêmica e o problema da "invenção do outro". *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais e perspectivas latino-americanas*. Tradução de CW Porto-Gonçalves. Buenos Aires: Clacso, 2005, 80-87.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

GRAEBER, D. Bullshit jobs. *Emploi*, 2018, 131.

KAPP, S. Entrevistas na pesquisa sócio-espacial. *revista brasileira de estudos urbanos e regionais*, 2020, 22: e202006.

LEFEBVRE, H, et al. La producción del espacio. *Papers: revista de sociología*, 1974, 219-229.

LIMA, R.P.; DA SILVA, M.L. MUQUIFU e NegriCidade: táticas dos povos pretos para que culturas soterradas possam emergir na cena pública. *Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas*, 2023, 1.1.

MASSEY, D. A global sense of place. In: *The cultural geography reader*. Routledge, 2008. p. 269-275.

MERLEAU-PONTY, M. SMITH, Colin. *Phenomenology of perception*. London: Routledge, 1962.

NASCIMENTO, B. *O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa*. Ubu Editora, 2022

OLIVEIRA, A. S. de. *O fim da canção? Racionais MC's como efeito colateral do sistema cancional brasileiro*. 2015. PhD Thesis. Universidade de São Paulo.

QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. *A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais-Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005, 107-126.

QUIJANO, A. *Estética de la utopia in cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLASCO, 2014.

SERPA, A. *O espaço público na cidade contemporânea*. Editora Contexto, 2007.

VELLOSO, R. *descolonizar o urbano, insurreição nas periferias: notas de pesquisa*. *REDOBRA*, 2020, 15: 153-176.

VERGÈS, F; BOHRER, A. J. *A decolonial feminism*. London: Pluto Press, 2021.